

PASTA N.º 20
DOC. N.º 3

OI
CEDI - P. I. B.
DATA 09, 07, 86
COD WAD 13

% %

% %

M O L O C O P O T E

Sóter Medeiros Sarraf

% %

% %

MOLOCOPOTE

27 de maio de 1980: doze horas do dia. O céu está nublado ameaçando tempestade. O pequeno avião que me conduz para a aldeia está parecendo um barquinho dentro de um grande oceano, o vento bate com força e de vez e quando tem-se a impressão que vamos desabar. Há tempo que venho olhando pela janelinha do aparelho, e só vejo a selva bruta em minha frente como se fosse um lençol verde a se estender por quilômetros e quilômetros de distância. Após vários minutos de vôo avistamos umas das roças que pertencem à aldeia. Mais em frente, uma grande cachoeira era sinal que estávamos chegando ao meu destino.

A aldeia é formada por cinco casas distribuídas em círculo como se a proteger os seus donos de algum perigo vindo da selva. O avião sobrevôou a aldeia fazendo a primeira tentativa de pouso sem êxito, pois o campo estava tomado por diversos búfalos pertencentes aos índios. Um menino, saído não sei de onde, apareceu correndo no campo, pondo assim os animais a fugir dando oportunidade para que pudéssemos aterrissar sem problemas. Os índios ficaram a nos observar de longe, aproximando-se somente o cacique Sarapó e um de seus filhos que pelo visto era o único a falar algumas palavras em português. Fomos apresentados e o cacique pronunciou alguma palavra que nós não entendemos, traduzida pelo filho, viemos saber que a aldeia estava atravessando uma fase difícil com muita doença, inclusive o próprio Sarapó que necessitava de urgente tratamento. Ficamos sabendo pelo mesmo que há dias morreram duas mulheres de febre, vômito e disenteria.

O aviador e mais o ajudante retiraram minha bagagem do avião e pediram que o cacique os acompanhassem até Belém para ser tratados por médicos da Funai. De princípio ele não quis aceitar, mas o filho Kurikuri explicou que era para o bem de sua saúde e que eu iria ficar tratando os outros doentes, aguardando a Funai enviar mais coisas de que eles estavam precisando quando o cacique voltasse. E assim o avião levantou vôo levando consigo Sarapó e me deixando entre um povo totalmente desconhecido para mim. Fiquei olhando o avião até o mesmo sumir de vista. Depois permaneci não sei quanto tempo no mesmo lugar pensando. Os índios continuavam na mesma posição me olhando. Mas só agora eu percebia a expressão daquelas pessoas. Em cada olhar me parecia ver a mesma pergunta: "Com que direito estais entre nós? Quem te chamou?" Sim, com que direito eu penetrava no meio de um povo o qual eu desconhecia? Sua vida, seus costumes

sua cultura e suas tradições, com que direito?

Kurikuri pediu-me que eu o acompanhasse até a casa que de hoje em diante passaria a ser minha morada. Atravessamos a aldeia e caminhamos em direção a um bananal; no meio deste encontrava-se uma cabana, a qual pelo aspecto não era habitada há muito tempo. Dois rapazes trouxeram a minha bagagem e colocaram no centro da cabana. Em seguida distribuí alguns presentes.

Ao ficar só comecei organizar minhas coisas. A péssima condição da casa me obrigou a fazer uma limpeza geral. Limpei tudo, varri o chão batido de terra preta, rachei lenha, fui buscar água no rio e às seis da tarde fiz a minha primeira refeição na aldeia.

28 de maio: sete horas da manhã, levantei, tomei o meu café e depois fiquei ajeitando o rádio de comunicação. Lá pelas dez horas foi que Kurikuri apareceu ficando a me observar através das frestas da parede de juçara que dividem a cozinha do outro compartimento. Kurikuri ficou por muito tempo me olhando, não sei se por m motivo de não falar bem o português ou se por não ter nada para dizer. Em seguida ele foi até a aldeia e quando voltou trouxe batatas e bananas. Junto vieram dois garotos, seus filhos. Ao perguntar pela esposa ele ficou calado por alguns minutos como a pensar; depois disse num tom de tristeza que ela tinha morrido de febre há tempos atrás.

A noite fiquei deitado em minha rede mas não consegui dormir. Através da cobertura de palha da casa, feita de folhas de babaçu, fiquei observando as estrelas; a noite estava bonita, ao longe se ouvia o cântico das guaribas parecendo uma grande orquestra, os bacurus e os sapos também faziam sua festa gritando e coachando a noite inteira ao redor da minha cabana.

29 de maio: Hoje eu levantei bem mais cedo; na cozinha já estava o fogo aceso e pedaço de carne a assar. Num banquinho rente ao chão estava sentado um índio aparentando ter uns trinta e cinco anos. Assim que me viu disse-me sorrindo "meimiotan". Fiquei sem saber o que responder pois nada entendia do linguajar deste povo. Vendo que eu não estava entendendo, tirou um pedaço de carne e colocou em minha boca fazendo eu comer. Eu queria explicar que aceitaria a comida oferecida, mas antes gostaria de escovar os dentes. Era inútil tentar convencê-lo. Graças a Deus, neste momento chegou Kurikuri que rindo a valer explicou ao índio, chamado Surá, o motivo de minha recusa. Fiquei sabendo também o significado da palavra "meimiotan" que era "tu queres comer". Ainda estava muito cedo para saber qual seria a atitude deles para comigo. Mas logo teria a resposta.

30 de maio: Após o café fui até a aldeia sempre acompanhado pelo Surá, o qual parecia ser a minha própria sombra. Ao chegar no centro da aldeia, falei para a pequena comunidade com relação aos doentes: -"Voces devem vir até minha casa a para eu poder tratar das pessoas que estão doentes, entendem? Vocês devem me acom-

"panhar". Mas não adiantou nada, todos foram se retirando para as suas casas e eu fiquei só no meio da aldeia junto com Surá me vigiando. Voltei para casa com vontade enorme de chorar. Como eu estava sendo ridículo tentando falar com pessoas que nada sabiam, me consideravam inútil. Somente a noite quando Kurikuri chegou da roça foi que eu pedi para ele que me ajudasse, pois sem ajuda do mesmo eu nada poderia fazer.

31 de maio: Com a aplicação de penicilina para evitar infecção, logo o índio sentiu-se melhor dos ferimentos causados por felpas de madeira na perna esquerda que recebeu ao cair de um açazeiro.

01 de junho: Mikuá teve um pouco de febre. Continuei fazendo curativos e outras medicações. Outros índios apareceram doentes com pequenos problemas. Fui tratando de todos conforme as minhas possibilidades.

02 de junho: O tempo parece não passar nunca nesta aldeia. Começo a ter saudades de minha família, de casa. Mikuá, o índio acidentado, está bem melhor.

03 de junho: Hoje o dia parece ser não dos melhores. Kurikuri saiu para pescar mas não matou quase nada, somente algumas piranhas. O Surá continua junto comigo. Às vezes me imagino um prisioneiro num campo de concentração.

04 de junho: Levantei bem cedo neste dia, mesmo assim Kurikuri já tinha ido ao curral tirar leite. Logo depois saiu para caçar deixando os dois meninos comigo. São quatro horas da tarde; Kurikuri chegou trazendo dois nambus e dois macacos.

05 de junho: Como de costume, levantei às sete horas, tomei café. Depois fui a beira do rio; queria ficar sozinho, lá fiquei olhando a correnteza, a selva, os passarinhos voando ao redor de seus ninhos. Descobri uma árvore com uma quantidade de ninhos de Japiim; como são bonitos! eles ficam o tempo todo fazendo aquela algazara infernal, creio que é para espantar algum outro animal querendo se aproximar de seus filhos. Kurikuri veio ver onde eu estava e pediu que o acompanhasse até a roça mais próxima.

06 de junho: Hoje não amanheci numa boa. Estou com desenteria, acredito que causado por um pedaço de carne que comi ontem na roça.

07 de junho: Ainda continuo com desintéria. Surá não amanheceu por aqui. Deve ter saído para pescar. Quem me visitou foi o Tuiú, filho de Kurikuri, que veio me trazer batata doce. À tarde Surá apareceu trazendo umas bananas e um pedaço de beiju.

08 de junho: Domingo, dia de eu ir a igreja, dia de visitar parentes e amigos. "As para mim é como outro qualquer. Estou tentando me esconder num dos cantos da casa com medo de me molhar, pois lá fora estava chovendo muito. Kurikuri, mesmo chovendo, veio aqui comigo e pela expressão do mesmo demonstrava um certo mau humor no olhar. Ele me fez várias perguntas às quais eu não pude responder. Uma delas era saber se eu estava realmente tratando de doenças ou se estava tentando roubar o que eles tinham. Fiquei desorientado sem saber o que responder. O que poderia eu querer roubar daqueles índios? Kurikuri relatou-me que um funcionário de nome Nizan, o qual eu não conheço, levou bastante ouro e artezenato para Belém dizendo mandar-lhes o pagamento. Quando Kurikuri saiu eu fiquei preocupado com esta história e tentei me comunicar com Belem. Mas quem me respondeu foi Altamira--Linha de frente Arara, os quais me prometeram contato com Belem, e me ajudar. Saí do ar às cinco horas sem conseguir nada.

09 de junho: Seis horas da manhã, o movimento da aldeia parece normal. Surá veio me trazer uns cajus. Às nove horas entrei em contato com Belem e expliquei a situação. Pediram que eu ligasse mais tarde. Cinco horas da tarde falei novamente com a Funai. Quando estava explicando o problema, o rádio deu pane interrompendo as comunicações.

10 de junho: Sete da manhã. Liguei o rádio mas o funcionário que me atendeu não deixou que eu continuasse dizendo que o meu horário para falar no rádio era pela parte da tarde e por isso cortou a ligação. S

Sem ter o que fazer saí a andar um pouco a redor da aldeia. Não fui longe, eu não estava armado, fiquei com receio de encontrar alguma onça ou qualquer outro animal feroz. Quando voltei encontrei Surá enxotando os búfalos, falou uma coisa mas não entendi fiquei observando. Jakumã e Mikuá vieram ajudar a tanger os animais. Percebi que eles estavam zangados comigo; só então entendi o motivo. Ao sair de casa deixei o portão aberto e os búfalos entraram destruindo algumas bananeiras. Fiquei muito triste por ver que os índios e principalmente Surá não me aceitam de bom gosto na aldeia. Basta uma coisinha atoa para eles começar a me condenar.

13 de junho: O acidente com os búfalos fez criar uma barreira entre eu e os índios; todos fogem ao me aproximar. Há dois dias que ninguém vem buscar remédio e até Kurikuri afastou-se de minha casa. Somente Surá continua a me vigiar. É engraçado como o ser humano se ve obrigado a adaptar-se a certas circunstâncias da vida por necessidade de sobrevivência. Eu jamais imaginei estar um dia no meio da selva afastado da civilização tendo somente um rádio para me comunicar. Como eu gostaria de desistir, ir embora, voltar para a cidade, arranjar um emprego e ficar junto de minha família, mas como? Sair daqui é impossível, o jeito é esperar.

14 de junho: O que será que tem de errado comigo? Que fazer para estes índios se tornarem meus amigos? Apesar de tudo eu continuo fazendo para eu me aproximar dos mesmos. O rancho que eu trouxe já está quase terminado. Tentei entrar em contato com a Funai em Belem, não consegui, o rádio não funcionou. Preciso pedir que eles venham me buscar, caso contrário breve eu começarei a passar fome.

15 de junho: Kurikuri me trouxe surubim e uns pedaços de beiju. A farinha que trouxe eu foi pouco e logo acabou. Eu jamais poderia imaginar que uma aldeia de índios não soubessem fazer farinha. Mas não tem importância, eu tendo carne, sal e arroz está tudo bem. Conversando com Kurikuri vim a saber que os índios não me querem mal. O que eles querem é que a Funai mande o cacique de volta.

16 de junho: Acordei com uma gritaria vindo da aldeia. Fui até lá e fiquei revoltado com a cena que observei. Semú, um garoto aparentando uns onze anos foi amarrado em tronco bem no meio da aldeia. De vez em quando alguém vinha lhe cuspir no rosto ou então jogar-lhe um pouco de terra. Não podendo me conter, fui até onde se encontrava o menino e tentei desamarrá-lo. Uma índia gestante de nome Karai que estava observando, começou a gritar. Kurikuri veio correndo e me afastou do lugar dizendo-me o motivo de tal atitude. Explicou-me, caso eu tirasse o menino teria que ficar no lugar do mesmo até o por do sol.

17 de junho: Semú amanheceu com febre, deve ter sido por causa do sol que apanhou ao ser castigado. Chamei Kurikuri e pedi que ele traduzisse aos outros que isto não se deve fazer, pode provocar a morte da pessoa. A Aimingato, mulher do Sarapó, adiantando em nossa direção disse como resposta, índio que rouba, é melhor morrer.

18 de junho: Tudo parecer ter voltado ao normal. Semú já está bom, e fica correndo dando de pau na cabeça das outras crianças menores, talvez para se vingar do que fizeram com ele no dia anterior.

Entrei em contato com a Funai e fiquei muito triste e chateado. O funcionário que me atendeu me disse que o avião que estava prevista vir me buscar está com problemas, necessitando de uma revisão, e tão cedo não poderia voar.

19 de junho: Passei a noite péssima, dormi sobressaltado. Pela manhã Kurikuri veio me trazer um pedaço de carne. Conte para ele que o avião foi para revisão e não pode vir me buscar. Sem me dar resposta ele saiu na direção da aldeia e quando voltou trazia todos os índios em sua companhia. Na frente a mulher de Sarapó gritava e puxava os cabelos, dando mostras de desespero. Ao mesmo tempo as

Acervo
ISA

outras mulheres gritavam e choravam. Os homens me ameaçavam com os punhos fechados, alguns com pedaços de pau. Surá fazia gestos com a mão no pescoço indicando que eu seria degolado. Fiquei apavorado o medo era tanto que não me deixava raciocinar. Graças a Deus eles voltaram para a aldeia me deixando sem entender a razão de tudo aquilo. Será que Kurikuri entendeu mal ou não entendeu o que falei?

20 de junho: Passei a noite preocupado, pela manhã Kurikuri veio falar comigo. Diz ele que os índios estão revoltados. Aimingato espalhou na aldeia que Sarapó tinha morrido em Belem e se o avião não vinha me buscar era porque estavam com medo. Tentei explicar para ele que estavam enganados. O avião não vinha não era por este motivo, mas por defeito no mesmo. Não adiantou, o mesmo também não acreditou em mim. Mas mesmo assim Kurikuri diz para que eu não tenha medo, os índios só poderão me fazer mal quando souberem de certeza se o pai dele morreu.

21 de junho: Sábado, como vem acontecendo desde que os índios começaram a criar problemas comigo, hoje também estou sem ter o que comer, somente um pouco de arroz que talvez der só até amanhã. Passei a manhã toda tentando concertar o rádio, não consegui. Não entendo de eletricidade; vai ser muito difícil ou até impossível eu acertar com o defeito.

22 de junho: É engraçado como estou adquirindo a mania de falar sozinho. Xingo o gado, falo com as bananeiras, não que eu esteja ficando louco, mas a solidão é tanta que não me resta a fazer outra coisa.

23 de junho: À noite o gado rebentou uma cerca e invadiu o bananal. Dá pena ver o estrago que eles fizeram. Eu poderia ter levantado e posto para correr, mas acontece que eu já ando de saco cheio de tudo que está acontecendo. O bananal não é meu, o gado também não. Então que se dane tudo; afinal de contas eu estou aqui com enfermeiro. O engraçado é que Kurikuri ainda teve a petulância de me chamar atenção.

24 de junho: A aldeia amanheceu sem ninguém. Todos saíram, não sei para onde. Lá pelas quatro da tarde foi que Surá apareceu trazendo alguns cajus e umas batatas. Perguntei por Kurikuri mas ele não me respondeu.

25 de junho: Kurikuri veio me buscar com ele. Disse-me se ficasse sozinho acabaria morrendo de fome. Agora vivo seguindo Kurikuri sempre. Os dois meninos não me obedecem mas me tratam bem. Os outros índios às vezes apontam e até riem como a dizer que eu passei a ser filho ou outra coisa do mesmo. Todos estão sendo alegres, parecem já ter esquecido a história do avião. As mulheres passaram

o dia todo fazendo caxixi. Uma bebida feita de mandioca e batata doce. à noite todos bebiam e fumavam. Kurikuri já eufórico com a bebida levou-me até a casa que estava realizando a festa. Assim que entramos, todos vieram até mim. Mikuá e Mutã tiraram minha roupa, tiram minha roupa e Maiuai, irmã de Kurikuri, bastante bêbada trazendo uma cuia cheia de urucú começou a pintar o meu corpo, cabelo e até mesmo a barba. Depois trouxeram uma faixa de pano vermelho a qual foi trançado pelas minhas pernas, formando assim uma tanga. Kurikuri colocou alguns colares feito de penas coloridas no meu pescoço, e depois virou-se para os outros como se fosse fazer um discurso falou: -"Eiô, iai mu atu iaka ôa". Tradução: nós vamos beber juntos. Conduziu-me até um bandó ao lado de uma gamela cheia de bebida. Karuanirú servia uma cuia para ele e outra para mim. E assim ficamos bebendo a noite toda; não sei quantas cuias bebi, tão pouco sei como saí. Só sei que ao acordar estava junto com Kurikuri na casa dele.

26 de junho Levantei ainda tonto, todo meu corpo doia, como se eu esyivesse apanhado, fui até a beira do rio e fiquei olhando a minha imagem na água. Como eu estava ridiculo, parecia um folião no seu ultimo dia de carnaval. Tomei um banho, troquei de roupa. Tentei me comunicar com Belém, queria falar com o Delegado, contar tudo o que estava acontecendo. O radio não funcionou. Passei o resto do dia tentando consertar o desgraçado. Não adiantou. Estava eu mais uma vez sem saber o que fazer.

27 de junho Sete horas da manhã. Liguei o radio com muita dificuldade. Até hoje estou por saber como consegui. Fui logo gritando: "Meu amigo, você que está me ouvindo, por favor, eu estou desesperado, diga para o delegado mandar me buscar por amor de Deus" O funcionario respondeu-me uma maneira que demonstrava claramente que não estava se importando com a minha situação. Ele respondeu-me "Hora rapaz deixe de fazer drama. Vou falar com o delegado pra ver o que fazer. Liga mais tarde." Passei o dia bastante ansioso. Às quatro horas, fiz nova ligação. Quem me atendeu creio eu ter sido outro funcionario. O mesmo me trasmitiu uma ordem que eu não acredito muito ter sido dada pelo delegado. Ele teria que ser muito desumano, ou até mesmo irresponsável. A mensagem foi a seguinte: "Tens que ter calma Sóter, procura contornar a situação, pois estamos impossibilitados de mandar um avião para te buscar. Caso estejas com muita pressa de sair da área, tenta de canoa ou mesmo por terra". O desespero tomou conta de minha pessoa. Como eu poderia sair de uma aldeia se por terra, ou por água não havia condições. E o delegado sabia que era impossivel sair da área. Comecei a chorar, me arrependi mil vezes de ser empregado da Funai. Um órgão federal que tem tudo para dar segurança a seus funcionários. No entanto estava eu ali' no meio da selva desprezado. O meu desespero se trasformou em ódio contra tudo e contra todos. Xinguei o delegado, Zelia e Lenita. Mas que adiantava xingar? O jeito era falar novamente com a 2ª DR.

28 de junho Dez horas da manhã. Desde cedo estou tentando ligar o rádio. Parece que agora está tudo contra mim.

Kurikuri veio me encontrar chorando. Apesar de sua maneira rude ele sentiu pena de mim e quis me reanimar, dizendo que logo o avião viria me buscar e que os índios já não tinham tanta desconfiança de mim. Fiquei olhando aquele rapaz. Apesar dele não me inspirar muita confiança, era o melhor de todos.

29 de junho Domingo. O dia está nublado, parece que vai chover. Karai veio me trazer um pouco de mingau e um pedaço de gerimum. Não tenho vontade de comer, mas sei que é preciso. À noite tive febre e me sinto muito fraco. Tentei novamente consertar o rádio, mas não consegui. Como eu posso consertar uma coisa que eu não sei? Só se for milagre e isto eu ainda não sei fazer.

30 de junho Último dia do mês. Enquanto eu tiver vida jamais esquecerei o que estou passando. Tenho rezado todas as noites, feito promessas para que me tirem deste inferno. Continuo com febre, agora tenho também desintéria e vômito. Os índios passam a me evitar com medo de ficarem doentes também. Por exemplo, hoje aconteceu algo interessante, não fosse a minha situação eu acharia até engraçado. Saruaniru me trouxe um mamão e algumas batatas. Ele ao ver levantar-me em sua direção jogou tudo no chão e saiu correndo. Senti vontade de rir, mas o riso se transformou em choro. Se os índios estavam com tanto medo de mim, logo deixariam de me trazer comida, e eu estaria condenado a morrer de fome.

01 de julho Mês de férias, de alegria, no entanto para mim é só tristeza, continuo doente. A desintéria é tanto grande que já não tenho tempo de ir no mato. Fiz um buraco dentro de casa onde estou me servindo. Olhando pra mim estou irreconhecível; pareço um trapo. Mikua me trouxe um pedaço de peixe assado. O cheiro das fezes e das moscas não me dão sossego. A água do meu filtro está quase acabando. Até o Kurikuri deixou de vir no meu barraco.

2 de julho Choveu o dia todo. As goteiras eram tantas que me encharcaram a rede. Tive que ficar horas sentado para não me molhar. A febre e a desintéria passaram um pouco. Durante a noite tive um sonho esquisito. Sonhei caminhando entre as nuvens até chegar a casa de uma amiga a qual é babalorixá. "As não era a casa que eu conheço, e sim uma espécie de castelo construído em cima de um monte. Ao entrar vi uma sala muito grande toda enfeitada com rosas naturais. O salão estava cheio de moças todas de uma beleza deslumbrante. Todas vestiam longo de cores diferentes. Do meio delas veio em minha direção a minha amiga de nome Nazare', acompanhada do minha mãe. As duas estavam lindas, muito lindas. Nazare' com um

vestido de cor vermelho trazendo nos cabelos longos uma rosa da mesma cor. Minha mãe trajando um vestido branco trazendo nos cabelos um diadema trabalhado em cristal. As duas chegaram até a minha pessoa, cada uma segurando minhas mãos, conduziram-me ao meio do salão. Nazare' disse: "Sei que vieste com pressa e esqueceste o meu presente. Mas não tem importância, vem comigo" Em seguida conduziu-me a outro salão que estava cheio de mesas e encima das mesas, frutas, muitas frutas e comida de toda espécie. Dirigiram-se a mim um rapaz e uma moça de vestes ricas e também de notável beleza. Nazare' falou-lhes: "Este é o nosso convidado" Conduziram-me até uma das mesas e me deram alimento. Ao estender a mão para comida Nazare' falou: "Não coma nada neste dia sem a permissão. Logo depois conduziu-me para outro compartimento bem menor que o primeiro. Também tinha uma mesa, mas de aspecto bastante humilde. Junto se encontravam dois rapazes nus da cintura para cima. Um deles, o mais novo aproximou-se de mim e me entregou um cacho de uvas. Fiquei olhando aquele rapaz tentando descobrir de onde eu o conhecia, mas não conseguia me lembrar onde tinha visto aquele moço alto, moreno e de olhos verdes. Falei-lhe: "Eu te conheço" Ele me respondeu: "Sei que você me conhece, porque eu também te conheço. Mas agora não podemos conversar, é muito tarde e tens que voltar enquanto é possível. Vai, eu estarei sempre junto de ti. Olhei para o lado e vi minha mãe chorando. Quis ir abraçar, mas não pude. Alguma coisa está me fazendo girar no espaço. Depois vi aquela estrada e comecei a correr, mas quanto mais eu corria, mais longa ela aparecia. Sem forças e cansado me pus a chorar quando acordei.

3 de julho Amanheceu um pouco triste, ainda tenho viva na minha lembrança a visão da noite anterior. Parecia tão real. Apesar de fraco saí a andar um pouco a redor da aldeia. Desci ao rio e tomei banho depois fiquei olhando a correnteza; como seria interessante se eu conseguisse flutuar, deixando-me levar correnteza a cima deixando tudo isso para trás. Fiquei ali olhando não sei por quanto tempo; Os japiins continuavam fazendo seus ninhos nas árvores mais altas ou que estivessem cheias de casas de maribondos. Distraído observando os passarinhos, não notei o perigo vindo das águas. Ouvi o grito de Kurikuri. Olhei para a ribanceira e ele estava ali o arco esticado a flecha apontada em minha direção. Quis correr, mas o medo me paralisou. Minhas pernas tremiam, que fiz eu para ser morto deste jeito. Quis gritar mas não saía. Fiquei suplicando com os olhos cravados na direção do mesmo. O arco estendeu um pouco mais e a flecha partiu em minha direção. Senti raspar a minha perna, e aquele baque na água. Depois mais uma flecha e mais outra. Pronto, a sucuri já estava morta. Kurikuri desceu à ribanceira. Pegou em meus braços e só neste momento me dei conta do que estava acontecendo. Ainda tremendo ele levou até a ribanceira e me contou que estava tentando flechar um surubim quando avistou a cobra, pronta para me dar bote. Fiquei-lhe bastante agradecido, a cobra era grande, se ela me laçasse as pernas eu não escaparia.

4 de julho Recebi visita de três índios, todos queriam remédios para os filhos. Sei que xera' remedio porque Maiuai disse sorrindo: "Itemcorantam "remedio". Mas fiquei sem saber qual remédio. Os tres ficaram para falar e quanto mais eles falavam menos eu entendia. Por fim eles se zangaram e foram embora. A tarde Kurikuri me trouxe um pedaço de beiju e um papagaio com um lado de asa quebrado, para eu comer. Fiquei com pena e não matei o papagaio. Amputei-lhe a asa e lhe dei um antibiotico para ver se eu o salvava.

5 de julho Começou tudo de novo. Kirikiri mais o Sura' desde cedo estão se pressando para que eu conserte o radio. Pensei que ja' tinham entendido a minha impossibilidade em relação ao conserto do aparelho. Mas não adianta. Kurikuri diz que Amingatão viu onsanos chorando ao redor da aldeia e essas aves quando choram e' aviso de morte. Ou eu conserto o radio ou fico sem comida.

6 de julho Sura' não sai de perto de mim. Desde de ontem ninguém me dá' o que comer. Já' mesci o radio. Limpei algumas peças e nada.

7 de julho Se não fosse eu ter alguns beijius guardados ja' estarias com dois dias de fome. Os desgraçados estão cumprindo o prometido. A unica coisa que ainda tenho e' o sal. Se eu tivesse anzol e linha tentaria pegar alguns peixes, ou se tivesse alguma espingarda poderia caçar. Se eu soubesse que ficaria nesta situação teria trazido. Quando sai da rede perguntei, mas a Lenita me falou não haver necessidade, dizendo que o posto era abastecido e que tinha bastante bufalo na área, sendo que eu teria bastante leite e carne sem haver a necessidade de pescar e caçar. Mas a verdade e' que ela não sabe de nada. Assim como tem muitos funcionarios da Funai que trabalham na sede e não fazem nem ideia de que seja um posto no meio da selva. Mas agora não adianta me lamentar. O importante e' eu sair com vida de tudo isto. Na tarde fui até' a aldeia. A fome era tanta que eu não tinha mais condições de ficar esperando. Não encontrei ninguém. Todos foram pra roça o sei lá pra onde. Sonente alguns beijius jogados pelo chão. Juntei-os, pois a fome era tanta que eu seria capaz de comer qualquer coisa, mas não encontrei nada. Sai novamente e no terreiro da aldeia vi um peu' que os indios ganharam há' muito tempo de uns missionarios. Escolhi um deles e o matei. Que me importa se os indios gostam ou não? Prefiro morrer com uma lança ou uma flexa no peito do que morrer de fome.

8 de julho O peru' e' tão grande e gordo que vai dar pra mim comer uns quatro dias. Salguei e guardei dentro de uma canoa de babaçu. Estou alegre. Acabou o meu sal, mas eu tenho bastante carne salgada. Limpei a minha casa. Cortei umas folhas de ~~acruca~~ babaçu'

e tamplei uns burracos na cobertura. O certo seria cobrir a casa outra vez. Mas eu sozinho não posso fazer. O jeito e' me conformar como esta' e para rezar para que a Funai me mande o avião.

9 de julho Miséria. Enquanto eu fui buscar agua no rio, Karai' entrou e viu o peru' salgado. Agora Aimingatô e mais outras mulheres estão em frente de minha casa. Todos riam e cuspiam, jogando terra em cima da carne. Desgrasadas..pudera eu poder e arreventaria a cara dessas pragas. Kurikuri chegou na ocasião. trouxe uma piranha em sua mão e jogou em cima do jirau, virando para as indias disse-lhes alguma coisa. Não entendi, ma sei que foi algo em meu favor. Elas formam embora, mas os cachorros comeram a carne. Perdi o peru' e todo o meu sal. Kurikuri se aproximou e me disse: "Aimingatô e' muito ruim, não presta, o peru' era dela. Em seguida foi-se embora.

10 de julho Mutã marido de Karai' amanheceu com febre. Kurikuri veio pedir que trate do mesmo. Diz que ele sta' com malária Tive vontade de dizer não, que ele fosse pra inferno. Mas refleti melhor. Se eu estava ali' era para tratar de doentes. Esta era a minha obrigação e nada me faria agir ao contrario, a não ser que me faltasse o remedio. Mas isto eu tinha ate' demais. Fiz-lhe a medicação e vou continuar fazendo mesmo sabendo que enquanto eles ficam bons eu vou morrendo aos poucos.

11 de julho Aimingatô e Kurikuri amanheceram aqui comigo. Querem que eu lhes entrehue o radio para falarem com Belém. Ate' parece brincadeira. Se eu não consertei como eles podem consertar? Fazem horas que els tentam. Agora quase todos estão aguentando. Uns falam no microfone, outros dão murros em cima do mesmo. Mas não adianta: o radio não funciona.

12 de julho Sura' veio me trazer um abacaxi. Também Mikua' veio me trazer un pedaço de carne de caetitu. À tarde dei uma volta na aldeia. "eitei cedo, pois não estou me sentindo bom ,so(faltava de adoecer outras vez.

13 de julho Cinco horas da manhã. A chuva foi tanta que pensei que o barraco não iria aguentar. Fiquei sentado no canto da casa con frio e febre. Eu nunca tive malária em minha vida. mas agora não pode ser outra coisa. A dor nos ossos e' tão grande que quase não me deixa andar. Somente á tarde Kurikuri veio me trazer umas batatas, um carauaçu' e pedaços de bejiu. Sobe que Aimingatô ja' se condidera viuva e vive chórando pelos cantos da aldeia. Fiquei triste quando Kurikuri me contou. Eu gostaria de fazer alguma coisa, explicando que o marido dela ainda esta' vivo. Mas eu não

sei falar na gíria desses índios. Conversei com Kurikuri, mas ele respondeu-me como eu poderia saber sobre Sarapo' se o rádio não funcionava. Fiquei desconsertado com a resposta, ele realmente tinha razão. Eu estava tão isolado quanto eles. E isto tudo por culpa da Funai e pela falta de responsabilidade do delegado. Mais uma vez repito que se ele quisesse, se fosse mais humano, já' teria fretado um avião ou será' que a Funai é' tão pobre que não pode fretar o avião? Não, eu não acredito, a verdade é' que não ha' interesse por parte dele. Que importancia tem a vida de um funcionario, mesmo sabendo que este funcionario é' chefe de família e pai de seis filhos? Não, lá no gabinete está' tudo bem. Tenho certeza que ele não está' passando fome e tão pouco morrendo de malária.

14 de julho A febre continua. Assim tive que ir no mato cortar lenha e no rio para buscar água. Kurikuri mandou Tuiú me trazer um carauaçú e uma traíra. À tarde Karauanniru' me trouxe batata doce e beijius, mas deixou no terreiro.

15 de julho Hoje amanheceu chovendo. Sura' trouxe um pedaço de surubim. Se eu tivesse sal e farinha tudo estaria bem. A febre melhorou. Vou comer sem sal mesmo. À tarde lá' pelas duas horas senti uma esperança enorme. Estava deitado quando ouvi aquele barulho longe, depois mais perto. Levantei e corri para o terreiro. Um avião. Bastante alto, mas só' podia ser o avião da Funai. Corri em direção do campo mas minha esperança aos poucos foi-se embora. O avião passou direto para os lados de Tumucumaque.

16 de julho Novamente a história do cacique veio a tona. Aimingatô e os outros índios dizem que o avião não desceu porque estão com medo. Se o marido dela estivesse vivo eles já' teriam vindo. A situação está' cada vez mais pior. Agora que o cacique está' longe, quem manda na aldeia é' a velha, até' que seja escolhido outro chefe.

17 de julho Por não ter quem domine os índios, agora fazem o bem que entendem. E o que mais procuram fazer é' o caxixi. Vivem bebendo dia e noite. A velha Aimingatô não sabe quando está' bebada ou não.

18 de julho Hoje presenciei nova cena de tortura. Se comecarem assim cedo vão acabar com a vida do menino. Dizem ter surpreendido Semu' roubando outra vez. Coitado, o castigo foi bem pior; deram-lhe uma surra tanto grande que quase o matam. Uma coisa venho observando nesses índios: é' a maneira como eles castigam os outros. Ficam ao redor dos que vão ser flagelados e fazem um verdadeiro espetáculo de sadismo.

Todos querem bater um pouquinho e com isto sentem o maior prazer. Passam horas rindo e batendo ate' a vitima cair sem sentidos.

19 de julho Na aldeia todos estão embreagados. Jcuma e Muta querem que eu beba junto com eles. Gostaria de dizer não, mas tenho medo. Eu sei que eles podem ficarem aborrecidos. Falei com Kurikuri e pedi que como filho mais velho do cacique ele teria que assumir a direção da comunidade. Mas ele me respondeu que so' poderia suumir so' na certeza que o pai estivesse morto. E mesmo ele não poderia ser cacique, não sendo casado, poi na aldeia as duas mocinhas que existiam não poderiam ser sua mulher porque uma era sua filha e outra sua irmã.

20 de julho Mais um domingo que eu passo neste fim do mundo. Como tinha fome, não tendo nada para comer fui ate' o curral e tentei tirar leite de uma bufala. Tudo estava muito bem se não era o peste de Kairaua', filho mais novo de Kurikuri tre-lhe batido com uma barra no chifre. Resultado? levei uma batada e cai' de costa na lama. Durante a parte da tarde, Kurikuri, veio me trazer uma carne de macaco.

21 de julho Hoje choveu o dia todo. Ninguém veio me visitar. Comi o macaco que sobrou ontem. O meu papagaio ja' estava bom. Creio que em breve ele estara' manso.

22 de julho Hoje aconteceu novamente. Parece que teinam em mim pregar peças. Ate' parece que o destino quer brincar comigo. O avião o tanto desejado avião passou outra vez por cima da aldeia, mas muito alto. Tive vontade de sair correndo atrás, de tocar fogo na casa talvez alguém persebesse o meu desespero. Mas nada, ficou so' o barulho, aquele barulho que desaparecia lentamente deixando para trás coração delacerado de sofrimentos com os olhos cheios de lagrimas e a boca seca de amargura e de dede. O odio cresceu em meu peito com mais força, senti uma vontade imensa de bater em alguma coisa, de me vingar do delegado. Sera' que aquele filho.... tinha esquecido de completo da minha existencia. Peguei uma lasca de madeira e descarreguei todo meu odio batendo em uma bananeira. Quanto mais eu batia, mais vontade eu tinha. Bati ate' perder todas as minhas forças, depois chorei arrasado. Meus Deus o que e' que tinha feito para ser condenado deste jeito.

23 de julho Passei a noite com os nervos em pedaços. Tudo para mim era motivo de choro. Amanheceu o dia. Kurikuri veio a me encontrar ainda chorando. Os karaibas são ainda piores que nós, sabem que tu não és índio, mas te abandonam a propria

sorte, agora teras que ficar na aldeia o resto de tua vida e terás que ser igual ao indio, aprender a usar arco e flecha para pescar e para roçar, para plantar mandioca e batatas para se alimentar. Sim, de agora em diante eu passaria a trabalhar para me manter caso eu quisesse continuar vivendo com os indios.

24 de julho Os homens saíram, uns para a pesca, outros para a caça. EU por estar muito fraco, por orden de Kurikuri tinha que acompanhar as mulheres, para buscar mandioca e lenha nas roças. No caminho para a roça o mau trato continuou. Aimingatô parecia sentir prazer em ver o meu sofrimento. Procura me humilhar de todo o jeito. Bate com uma vara em minha cabeça, incentiva as crianças para me jogar pedras dar murros em minhas costas. Eu tinha que suportar tudo ficando calado. A volta ainda foi pior. Fizeram eu carregar panela enorme cheio de mandioca e ainda colocaram um feiche de lenha em cima. O peso era demais; eu vinha caindo. Todas as vezes que eu tropeçava em um cipo as desgraçadas riam e me empurravam. Somente quando viram que eu não podia mais andar, foi que me tiraram o feiche de lenha e colocaram na cabeça de Semu'. E assim fomos ate' chegar na aldeia, onde começaram imediatamente a fazer bejiu' e caxixi.

25 de julho Seis horas da manha'. Ainda estava deitado Hauai veio me buscar para ajudar a descansar mandioca. Semu', Karai' e as outras indias já estavam ~~trabalhando~~ trabalhando. Fiquei observando as mãos do menino, estavam inchadas. Isto demonstrou que ele passou a noite anterior amarrado. Meus deus, Semu' não tinha ninguém ele era órfão isto então ele era considerado como um escravo e eu?

26 de julho Hoje eu não fui ajudar as indias. Kurikuri me convidou para pescar com ele. Fiquei satisfeito. E' preferível pescar ou caçar do que ajudar estas mulheres. Além de ser um serviço muito humilhante, elas me maltratam demais.

27 de julho Outra vez domingo. Gostaria de ficar no barraco, mas Kurikuri' diz que temos que derrubar uma roça no outro lado do rio. Respondi para ele que hoje e' o dia do descanso. Ha' muito tempo estiveram na aldeia uns ~~dois~~ homens que tinham dia para descansar. Depois que eles foram-se embora os indios esqueceram este dia. A tarde quando voltamos do roçado encontramos o filho de Maiuai doente. Fiz-lhe uma medicação, espero que ele fique bom.

29 de julho Hoje a festa começou cedo. Os indios já estão quase todos bebados. São duas horas da tarde. "este dia ninguém comeu. Ate' as crianças estão bebendo. De vez em quando surge uma discursão. Mutã já quebrou a cabeça de Mikua' com um remo, mas mesmo assim eles continuam.

30 de julho Passei a noite agitado. Todas as vezes que ouvia um grito pensava que estivessem brigando na aldeia. Pela madrugada choveu bastante. Mesmo assim o ceu estava bonito. Kurikuri e Urussu' vieram me buscar para irmos pescar. Na volta passamos em uma roça que fica a beira do rio e troxemos bastante macackera, batatas, bananas e ate' mamão

31 de julho Ultimo dias do mês. E para mim continua o sofrimento. O filho de Maiuai esta' melhor. Jacumã troxe-me batatas e um pedaço de mutum. Assei a carne devido a falta de sal.

01 de Agosto Amanheci novamente con desinteria. O dia esta' nublado. Creio que teremos mais chuvas pelo periodo da tarde . Urussu' e Mikua' vieram da pesca e me deram um surubim. Não sei se devo comer o peixe, pois esta' muito gordo e eu estou com medo de piorar a minha situação. Choveu a tarde como de previsto.

2 de agosto Droga, estou novamente numa pior. Ja' tomei tanto remedio e continuo com desinteria. Agora também tenho vomito. Tudo o que eu como, eu também ponho para fora. Creio que o meu problema e' o figado, pois tenho a boca amarga de tanta bilis. E' gozado, eu vim aqui para tratar da saude dos indios e agora quem vive mais doente sou eu.

3 de agosto Mais um dia de febre, mais um dia de tristeza e mais um dia de espera inutil. Não sei mais o que pensar e nem o que escrever, mas vou continuar escrevendo, pois esta e' a unica coisa que me da' força para continuar lutando. Quero que um dia todos saibam, caso não consiga sair daqui com vida, a culpa cabera' totalmente por parte da Funai. Um dia alguém ha' de vir encontrar estes rascunhos. Então falara' para o mundo, o que passei.

4 de agosto A febre continua me incomodar. Lá fora esta' chovendo. Aqui dentro também. Junto de minha rede tem diversas poças de lama. Tenho sede, muita sede, Preciso me levantar para chegar ate' o filtro. Minhas pernas tremem, não querem me obedecer. Estou tão fraco que vou andando devagar. Estou chegando no filtro mas a minha vista ficou oscurada de repente, tudo roda ao meu redor. Quis me apoiar ao filtro, mas este virou comigo. Fiquei deitado no chão sem forças para me levantar. Quebrei o filtro e me molhei todinho. Queira ou não agora terei que tomar um banho.

5 de agosto O vomito e a desenteria ja' passaram. So' a febre continua. São cinco hoaras da tarde. A solidão e o meu papagaio continuam sendo meus unicos companheiros. As vezes passo horas conversando com o mei papagaio como se ele pudesse me responder. Quando não fico escutando os canticos de juritis, das rolinhas, das cigarras aninciando o fin do dia. De noite as guaribas permanecem a gritar como estivessem zombando da minha situação

6 de agosto Continuo fraco, mas sem febre. Kurikuri veio me trazer un pedaço de macaco e ver como estou. Disse-lhe que estava melhor. Ficamos conversando quando apareceu Aimingatô. A Velha chorava, puxava os cabelos, batia os seus pes no chão. O seu desespero estampado em sua fisionomia. Perguntei a Kurikuri qual a razão de tud aquilo. Ele me falou que a filha dela stava morrendo. A febre da criança estava altissima. Peguei o que pude de remedio e sai correndo em direção da aldeia. Fiz-lhe uma medicação e fiquei aguardando. Todos me traziam alguma coisa. Corja de safados. So' agora lembram que eu sou gente. Aimingatô e' aquela que mais me bajula. Ja' fez eu tomar duas cuias de mingau de banana. Nogenta. So' porque a filha esta' morrendo. Passei a noite cuidando da criança. A febre continuava alta. Tinha convulsão uma em cima da outra, parecia ser o fim. Pela madrugada sem saber mais o que fazer lembrei que em minha casa eu tinha um pouco de açucar. Raspei a lata e consegui duas colheres. Fiz um cha' bem forte de cidreira e fazendo pressão no queixo da criança tentando-a abrir a boca, fui-lhe administrando de dez em dez minuto uma colher de cha'. De vez em quando molhava sua cabeça com agua fria e assim fiquei tentando desesperadamente salvar aquela criança. Antes de amanhecer o dia ela começou apresentar melhoras. Parecia estar fora de perigo. Agradei a Deus, poi so' um milagre poderia ter salvo esta criança. Sai para meu barraco cansado, mas com o sorriso nos labios. Eu sabia que enquanto eu cuidasse dos que adoessessem, jamais eles me matariam.

7 de agosto Passei a manhã toda dormendo. De tarde fui á aldeia. A criança esta' bem, graças a Deus.

8 de agosto Mutã e Kurikuri acompanhados de Jakumã, saíram para caçar. Que Deus os ajude para que els consigam matar alguma coisa. Apesar do medo que fiquei do sucuriju, continuo indo tomar banho no rio. Era justamente o que estava fazendo Kaiuara' veio me chamar. Corri para ver o que estava acontecendo. Kurikuri vinha carregado pelos outros indios. Pensei ser logo mordida de cobra, mas não. Ele tinha o pe' esquerdo perfurado por uma lasca de juçara. Deitamos ele na esteira, fiz-lhe um curativo e apliquei-lhe um antibiotico contra infeção

9 de agosto Kurikuri está com febre. Tive que abrir a incisão para tirar fragmentos de juçara que tinham ficado. Passei o dia cuidando mesmo.

10 de agosto Agora além de cuidar do doente, tenho que cuidar dos dois meninos. Hoje eu tentei flechar um peixe para almoçarmos. Levei os meninos comigo. Além de eu não saber lidar muito bem com os arcos e flechas, os dois pestinhas faziam tanto barulho que afugentavam todos os peixes. Voltei da pescaria envergonhado. Se não fosse Mutã nos ter dado comida tínhamos ficado com fome. Durante a tarde fui ver a filha de Aimingatô. A velha agora vive sorrindo para mim. A menina está bem melhor.

11 de agosto Saimos para caçar. Mikua', Mutã, Jacumã, Arussu. Voltamos a tardinha. Valeu a pena. Matamos sei porcos do mato. Os índios fizeram fogueiras no meio da aldeia e começaram a assar a carne. Fizeram uma festa. Como não poderia faltar o caxixi, beberam e comeram a noite inteira. Somente Kurikuri não participou. Ele estava tomando antibiótico.

13 de agosto Kurikuri continua com febre. Que Deus o ajude para que ele não venha piorando. Hoje fiquei o dia todo olhando para o céu na esperança de que apareça o avião. Mas como sempre minha espera tem sido inútil.

14 de agosto Fazem quatro dias que como porco moqueado. Meu estômago já não aguenta. Se pelos menos tivesse sal. Se continuar assim vou acabando adoecer outra vez. Kurikuri já está bem melhor. Já queria ir pescar, mas não o deixei.

15 de Agosto Pedi para Mkuai ir pescar comigo. Assim é melhor. Eu vou pilotando e ele flecha os peixes. Foi até divertido. Tivemos sorte. Pegamos bastante peixe. Kurikuri ficou alegre. Almoçamos peixe assado com beiju'. Depois do almoço ficamos conversando. Ele diz que gosta muito de mim. Ficam com raiva quando os outros me maltratam e se muitas vezes não interfere ao meu favor é porque não pode. Os índios tem que obedecer aos costumes dos mais velhos, mesmo contra vontade. Fiquei feliz, pois senti que ele estava falando a verdade e disse-lhe que também gostava dele. "És o meu único amigo aqui na aldeia".

16 de agosto Acordei com a gritaria dos índios e o choro de Semu'. Mais uma vez o menino estava sendo espancado. Fui até onde ele estava e me fiz de corajoso. Gostassem ou não eu iria defender aquele menino. Que me importa que eles digam que ele roubou. Só sabem dar trabalho para o menino, comida, que é bom, nada.

Peguei o menino nos braços e falei alto para que todos me ouvissem: "Se voces continuarem batendo nesta criança eu nunca trato dos doentes." Sei que não me entenderam,mas Kurikuri se botou ao meu lado e traduziu as minhas palavras.Todos se afastaram.

17 de agosto Batem tanto em Semu' porque rouba comida,no entanto hoje ao voltar do rio,encontrei Sura' que ja' ia carregar minhas roupas. Fui em cima do safado e ~~comprei~~ tomei-as de volta. Ele ficou falando um bocado de coisas que eu não entendi' Mas tenho certeza que ele estava me ameaçando. Ja' não me importo. Ele ou outro qualquer podem me ameaçar quanta vez quiserem,ja' estou acostumado.Só que minha roupa ele não vai levar.

18 Agosto Não fui pescar. Também ninguém me deu comida. Passei o dia comendo beiju' e banana.

19 de agosto Creio que fiz alguma coisa errada.Como castigo voltei a fazer beiju' com as mulheres. Apesar do serviço fui tratado bem melhor do que Semu'. Coitado,passou o dia todo com fome,de castigo porque deixou queimar os beijus.Aimingatô me deu um pedaço de camaleão cozido para comer,e umas frutas que parecia maracujar , mais o gosto era de ferente

20 de agosto Parece ate' castigo,passsei a noite com vomito,e desinteria.Kurikuri vendo que eu estou doente veio me ajudar;carregando agua,cortando lenha e ate' fazer comida. Es outros indios quando souberam que eu estava doente dificilmente vem me ver e assim mesmo quando fazem e para fazer critica de Kurikuri'.

21 de agosto Continuo doente. A dor de barriga e' orrivel. O vomito e' a disenteria não querem passar. E' só comer e vomitar. Meu desespero e' cada vez maior. Agora alem de mim tambem estão doentes Tuiú',Karaiunariu,Semu' e Mihua.Parece ate' uma epidemia Kurikuri assou um carauassu e diz que eu devo comer se não acontecer como a mulher dele. A mesma estava com febre,vomito e desinteria e não queria comer nada,com pouco dias morrendo.

22 de agosto Os dias vão passando devagar. Nada un trazendo mais de uma desgraça. Esta aldeia parece maldita.Só tem doença e fome.

23 de agosto Permaneço doente.Semue' Tuiú' ja' estão bem,mas Kanuariu esta cada vez pior. Dizem que quando o sofrimento constante,a gente acaba acostumando se' que eu não consigo acostumar.

24 de agosto Estou bem se' quen continuo doente e' Karaiunariu'...

agora começou a defecar sangue. Também o filho de Maiuai está com febre. tenho medo que alguém venha morrer.

25 de agosto. Fiquei meditando do qual a razão da Funai ter m3 deixado aqui. Será que foi de propósito. Não, não é possível. Mas eu não entendo porque? Será que até a minha falha esqueceu que existo? Ou está acontecendo alguma coisa em Belem que eu não saiba.

26 de agosto Karuaniru' e' o filho de Maiuainai ja' estão bons. Eu apesar da fraqueza, me senti bem. tenho saudade de minha mulher. Será que ela não vai me procurar. As vezes me imagino em casa. Fecho os olhos e fico me deliciando com as minhas recordações.

27 de agosto Tres meses jogando neste inferno. Tres meses de sofrimento sinto-me desanimado. tenho vontade de misturar diversos medicamentos, beber e depois dormir. Dormir para nunca mais acordar. Não, que ideia absurda, eu não tenho este direito, nem ninguém. So' Deus pode tirar a vida de quem quer seja. O jeito e' esperar, espera que alguém tenha pena de mim, ou então espero o fim.

28 de agosto Noite alta. Fui chamando às preças de Kurikuri. Karai' estava pensando mal. peguei o meu material e saímos em direção da aldeia. Lá chegando encontrei Karai' contorcendo-se de dores. A india gritava desesperada. Deitada em cima de uma palha, Maiunai, Aimingatô segurava ele em seus ombros. Pedi a Kurikuri que eu ficasse por perto caso eu precisasse de alguma coisa. Lavei as mãos com sabão e introduzi o dedo em sua vagina. Tudo parecia normal, mas porque a criança não nascia? Perguntei quanto tempo a criança estava assim. Soube que ja' vinha sofrendo ha dias. Esperei a hora e nada pedi a Kurikuri que apoiasse a cabeça em suas coxias e tra duzisse o que eu ia dizer: "Enche o peito de ar, faz força. Agora respira, para. Respira de novo, rapido. Encha o peito de ar novamente, faz força como se fosse defecar. E assim continue por muito tempo. Karai' estava exausta sem força. Soando. Que poderia eu fazer? A criança de alguma forma estava presa, não podendo passar. Se eu tivesse um forcemps, mas quem sou eu para andar carregando um forseps eu que sou um simples atendente de saude. Lá preciso fazer alguma coisa, e rapido. Sim, eu teria que entender, se não desse certo quem poderia condenar. Somente minha consciencia, mas ela me dizia que eu tentasse. Lavei mais uma vez minha mão e fui introduzido de vaga. Karai' serrava os dedos, o suor pingava de seu rosto. E o sangue corria intensamente de sua vagina dando sinal de emorragia. Continui empurrando a mão devagar com medo de arrebentar alguma coisa por dentro. Agora eu também soava muito. Segurei aquela cabeça gosmenta, muito lisa, mas não encontrava apoio. Tentei outra vez. Meus dedos pareciam em algumas

coisa e eu vir puchando com os dedos segurando o queixo da criança e vim puxando lentamente bem de vagar. de repente a cabeça esta croando, so faltava um pouquinho mais. fiz pressaõ com os dedos alargando a vagina . peguei a cabeça do neném com todo cuidado e forcei um pouco para baixo e depois para cima. de repente escapuliu. escorregou pelas minhas pernas, suja de sangue, molhada. segurei entre as mãos e vi que estava viva. tive vontade de gritar. karai sorriu Cortei-lhe o umbigo. Limpei e coloquei a menina em seus braços. Deus tinha feito mais um milegre.

29- de agosto. Fiz antibiótico em Karai. Ela esta bem. Fiquei feliz ao vela bom estado. Me senti forte, agradecido a Deus por ter me ajudado a salvar uma vida. Que me importa que me tratem mal, que me deixem sem comer, que mio que me joguem pedra ou que cuspan na cara Eles são seres humanos e devem ser tratados com respeito, com compreensão com carinho. Mesmo que eles não saibam me agradecer eu já sinto-me agradecido por Deus. Não sei como estou me sentindo, mas e como se esta criança fosse obra minha, como ~~estou me sentindo, mas~~ se foese a minha própria filha. Pois eu ajudei a lhe dar a vida.

30- de agosto. Levantei cedo. Fui ao curral. Kurikuri estava tirando leite. Os índios parece alegres. Karai está bem.

31. de agosto . A aldeia está calma. Os índios tecem cestos, alguns fazem flecha. Fiquei sentado debaixo de um cajueiro olhando o movimento. Maiuai esta assando um tambaqui. Ocheiro exala na aldeia toda. Karai e a criança estão bem. Uruassu e Mikuá correm atras dos búfalos no campo. Agora eu gozo de mais liberdade entre os índios Todos sorriem para mim. A velha Aimingatô veio me trazer um pedaço de macaco assado Mutã recolheceu-se em resguardo, não pode comer nada remoso, pode fazer mal para a criança e seria muito triste perder logo o primeiro filho. Mikuá veio correndo do campo, passou perto de mim gritando:

-Iá- iatã Karaiba." Vamos tomar banho civilizado" . Acompanhei-o, e logo os outros também vieram. Tudo parecia alegria, brincavam, corriam uns atrás dos outros, rolaavam na areia e nadavam. Pôr um momento esqueci a minha tristeza e participei das brincadeira daquelas criaturas rudes como se eu fizesse parte daquela comunidade primitiva e que vivem esquecidos no meio da selva.

1 de setembro. Tudo bem, Fui ao curral. Kurikuri tirou um pouco de leite. Como eu tenho umas bananas, vou fazer um mingau. A tarde fomos pescar.

2 de setembro. Há horas que eu tenho vontade de sair andando, atravessar essa selva, para ver até onde eu chego. Se eu tivesse pelo menos um mapa, poderia me orientar, mas assim é impossível. Kurikuri está sentado de baixo do cajueiro tecendo cestos. Quer que eu aprenda pois, pelo menos terei um passatempo.

3 de setembro. Kurikuri veio me dar uma notícia a qual fez eu ficar muito triste. Amanhã ele e mais alguns índios vão viajar.

4 de setembro. Kurikuri, Maiuai, Jacumã e mais os quatro filhos saíram bem cedo. Foram iniciar a derrubada de uma nova roça. Kurikuri disse que se cacique não voltasse ele mudaria a aldeia, pois aqui o peixe está muito escasso e lá para cima, além do peixe, tem bastante caça.

Há tempos atrás, esta área mencionada por Kurikuri, era habitada por muitos índios da mesma tribo Oiapins, sendo um local farto de alimentação. Quis ir com eles, mas Karai ainda precisa de cuidados. Por este motivo que eu tenho de ficar. Agora posso dizer que fiquei totalmente só. Por mais que eu queria conversar com alguém, não me entenderiam. É claro que durante estes meses de convivência eu aprendi algumas palavras soltas. Mas formar as frases é impossível. Por mais que eu me esforce não adianta, falo tudo errado.

5 de setembro. Não sei o que o Semú fez desta vez. Mas parece ter sido alguma coisa muito grave. Kuruanirú trocou-o arrastando até o meio da aldeia. Dois outros índios seguraram seus braços e pernas. Avelha, a maldita Aimingatô trazendo um ticoço aceso queima-lhe a boca e as mãos. É horrível. Como pode uma pessoa fazer semelhante malvadeza? Corri em seu socorro. Pedi, implorei, mas não adiantou. Todos estavam eufóricos demais. Percebi com tristeza que todos estavam bebados. "~~Iância ené-neia~~ Sem saber o que fazer, gritei a única palavra que me veio a cabeça: "Iância". "Deus". Ao ver que eles pararam para me olhar, continuei: "Iância ené-neia-ô."

Deus vai chorar". Não sei se entenderam que eu quis dizer. Mas pelo menos largaram o menino, que aproveitando a oportunidade, saiu correndo na direção do rio.

6 de setembro. Semú ainda não apareceu. Talvez ainda esteja com medo. ou quem sabe, foi devorado por algum animal. Kurikuri me disse que as onças costumam vir matar os cachorros juntinho da aldeia, e que o rio é cheio de sucupijú. Me disse também que há bem pouco atrás uma menina ao buscar água foi devorada por um sicuriju. O cemini continua sendo preparado para ~~mais uma festa~~

Surá foi caçar junto com mais dois índios. Creio que estão se preparando para mais uma festa.

7 de setembro. Há várias vasilhas cheia de bebida. A euforia aumentou dia a dia. Tentei perguntar por Semú, mas ninguém me respondeu. Meu Deus queria tanto que Kurikuri estivesse aqui. Tenho vontade de ir atrás. Mas ele me disse que descendo a correnteza, daqui até lá são dois dias de viagem, e por terra ninguém nunca tentou por causa dos igarapés que são cheios de jacarés, cobras e piranhas. De tarde os caçadores chegaram. Trouxeram guariba, caetitu, mutum e outros bichos. O preparativo para festa está cada vez mais animado.

8 de setembro. Desde bem cedo os índios já estão bebendo, fumando e dançando. Só se vê vasilhas de caxixi e pedaços de carne assada. Gostaria de participar desta festa. Estou com pressentimento esquisito. Surá e Mikuá já estão bebados, querem que eu os acompanhe de qualquer jeito. Apesar da dança ser no terreiro, o grosso da festa é dentro da casa de Aimingatô. Até Mutã, que a esposa está de resguardo, já se encontra bebado. Querem que eu tire minha roupa. Parecem que sentem prazer de me ver nú. Eu não queria, estava com medo. Aimingatô sem ligar para meus protestos, começou a rasgar minhas vestes.

Ela parecia uma verdadeira bruxa. Os cabelos caídos no rosto, a boca suja de beba e de restos de caxixi. Estava embriagada. Minha cabeça perdida totalmente o controle. Me colocou nú. Todos riam; Surá arrastou uma menina de dez anos em minha direção, Aimingatô pegou-a pelas pernas e chegando até pertinho de mim, abriu as pernas da menina e começou a gritar como se estivesse alucinada: - Napotá napotá." tu queres, tu queres" A gritoria era geral. Naquele momento senti ódio. Aqueles índios imundos não tinham o direito de fazer o que estavam fazendo comigo. Dei um empurrão em Surá e na velha. Sai da casa com passos firmes. Os índios continuaram rindo e gritando. Estavam todos bebados. Cheguei no barraco, entrei, fechei a porta e me deitei. Fiquei tentando raciocinar. Porque razão tinham feito aquilo? Será que eles queriam que tivesse relação com a menina na frente deles? Não, não tem sentido, eu não podia acreditar. Seria monstruoso demais. Já era noite e eu continuava pensando. Acendi o candieiro e fiquei escutando a algazarra vinda dos lados da aldeia. Os morsegos e os insetos voavam ao redor da minha rede, atraídos pela luz. Lá fora tudo estava escuro. Tudo parecia tanto macabro e eu estava com medo, muito medo. Olhei para cima da mesa e vi minha única arma. Meu terçado. "meus olhos que começavam a pesar de

Queria me manter acordado, mas o sono foi mas forte. Não sei se era impressão minha, mas eu vi alguma coisa mexendo na porta. Olhei, mas era tudo silencio. So' os sapos com a coaxavam la' fora. Fechei os olhos lentamente. Devia ser impressãominha, mesmo. Mas subito a porta se abriu e alguem pulou em cima de mim riscando o meu peito. Levantei rapido e como um tigre enfrentei surra. Consegui esquivar-me do segundo ataque. A faca passou raspando a minha barriga. Dei-lhe um chute e como ele estava bebado, caiu de contra a parede. Levantose com mais força e veio novamente em cima de mim. Lutamos. Tomei a faca. Mas ele apanhou uma lasca de lenha a minha cabeça. Estava claro, ele queria me matar. Peguei o terçado em cima da mesa, e batia de lado com toda a força em seu peito. Ele soltou um grito um berro e saiu a correr. O chão ficou so' picado de sangue. Eu estava ferido, fechei a porta. Fiz um curativo para estancar o ferimento. Apaguei a luz, vesti minha roupa, calsei sapatos e fiquei sentado no escuro, segurando o terçado entre as mãos. Tudo estava calado demais. O dia estava clareando. Ouvi nova gritaria em direção da aldeia. Olhei por entre as flechas da parede e vi Surrá caminhando em direção do barraco com o arco e mais uma flecha em suas mãos. Eu teria que correr. Arranquei umas lascas de gussara da parede dos fundos e corri. Atravessei uma canoeira e varei na aldeia. Queria pedir socorro, mas casas estavam todas fechadas. Parecia não haver ninguém para me socorrer. Fiquei desorientado comecei a correr sem direção. Cheguei ate' a beira do barraco. Empurrei as canoas. Ali' estava a minha salvação. Empurrei a canoa que primeiro encontrei e embarquei. Com o impacto, ela foi quase parar no meio do rio. So' neste momento observei que estava sem rumo. Comecei a remar com terçado. Fomei quanto pude. A correnteza estava me ajudando na esperança de uma possível fuga quando olhei para trás meu sangue gelou. Sura' vinha em minha perseguição remando numa canoa bem melhor. Cada vez mais perto. Sentia a primeira flecha passar raspando o meu corpo e depois outra, mais outra. Quis me jogar na agua. Mas não adiantaria. Ele vinha rapido demais. Corri para proa da canoa e me joguei com intenção de arranjar um cipo' que estava pendurado na beira do rio. Peguei-o e arrastei ate' em terra. Agarrei firme uma raiz e congegui subir. Neste mesmo momento uma flecha gravou na raiz da arvore bem perto de minha cabeça. Sura' estava perto, muito perto, e eu corri muito, quantas horas não sei. Minha boca estava seca, meu corpo todo retalhado de espinhos, minha roupa toda rasgada. Na barriga um cipo' de fogo rasgou minha carne. O sangue scorria dos ferimentos. Mas eu não sentia dor, parecia que estava anestesado. Continuei correndo.

Agora no meio da lama. O capim avalha delacerava os meus braços. Uma ou duas vezes pulei por cima de cobras, mas não podia parar. Atrás de mim vinha um índio para me matar. Continuei correndo. De subitito, um igarape' surgiu em minha frente. Um dos igarapes que Kurikuri dissera esta' cheio de jacarés e de piranhas, mas eu não podia parar, não havia tempo. Sura' podia me alcançar. Joguei-me na agua, batendo os braços com toda a força para espantar os bichos. Nadei, mas de repente comecei a fundar, nadei com mais força, meu corpo pesava demais. So' entao lembrava que estava de sapatos. Quis tirar, mas alguma coisa mexeu no meio do capim. lembrei dos jacarés e nadei com desespero tão grande que logo cheguei no outro lado da margem, e corri, continuei correndo por muito tempo. As pernas não queriam me obedecer, mais. O sol estava se pondo. Meus labios ressequidos. A sede era enorme. O sangue endurecera criando aquela crosta em cima dos ferimentos. Continuava correndo. "eu canção era demais. Tropecei. Cai de barriga em cima de uma grande pedra, levantei e comecei a me arrastar. Escapuli! a pedra estava lisa, cheia de limo. "entei novamente, fui me arrastando. Ao longe avistei aquela coisa brilhando parecendo pedasinhos de cristal. Era agua, sim era agua, sim. Quis correr mas as minhas pernas não me ajudavam mais. Continuei me arrastando. Estava como um animal ferido; na minha frente aquele brilho. A boca estava seca. Passei a lingua, mas a sede era muita. e repente parecia que tudo estava criando vida em meu redor. O brilho da agua pareceu mais forte. As pedras pareciam estão mexendo-se. (Se arranca) Os galhos das arvores mais proximas semelhavam-se garras querendo-me arrancar do solo. Queria gritar, mas a voz não saia. Estava sufocando. Em minha frente apareceu aquela imagem. Eu estava me vendo estirado de bruço em cima das pedras como um porco crivado de flechas. A boca cheia de espuma e tapurus. "ão, não era verdade, eu estava morto. Então vi aquele risos e mais nada. D

10 de setembro Os passarinhos, pulam de galho em galho brincando. Abri os olhos devagar. Gostaria de saber onde estava. Olhei ao redor, quis me levantar, mas meu corpo estava tudo dolorido. Ouvi risos de crianças. Como eu fora parar ali'. "echei os olhos e dormi. Sonhei com meus filhos, minha esposa. Todos pareciam alegres. Quando acordei Maiuai, estava tentando fazer eu engolir um pedaço de peixe. Comi. Depois ela me deu uma cuia contendo um pouco de agua. Junto a mim sentado em cima de folhas de babaçu' estava Kurikuri', Jakumã e as crianças. Maiuai perguntou: Nemiotam-ã?

"Tu queres comer mais?" Sorri, mas meus olhos se encheram de lagrimas. Eu estava vivo. Deus tinha me ajudado. Kurikuri perguntou o que fizeram comigo. Conteí. Conteí tudo, desde quando me levaram para a festa. A maneira como Aimingatô me ofereceu a sua propria filha. A tentativa que Sura' fez para me matar cate' a hora que cheguei no lajeiro. Mas como eu tinha chegado ate' onde eles estavam, eu lembrava. Kurikuri' respondeu: " Eu te achei." Tinha saído para caçar quando os cachorros começaram a acuar. Pensei que era uma onça. Corri em direção. Quando Cheguei encontrei você durmindo. Carreguei meus ombros e te troxe para ca'. Ele ficou uns minutos me olhando. Depois disso como tem toma uma grande desisão vamos voltar para a aldeia e vou matar o Sura'.

11 de setembro Tentei fazer com - que Kurikuri tirasse aquela ideia da cabeça. Eu não queria voltar para a aldeia. Estava com medo. Pedi a ele que me levasse ate' aonde ele dizia ter garimpeiros, alem das cachoeiras, mas ele não quis me ouvir. Estava decidido. Minhamos que voltar.

12 de setembro As duas canoas vão deslizando de encontro a correnteza. Numa delas, vai Tacumã, Maiuai, e os filhos. Na outra, eu, Kurikuri', seu dois filhos. Desde cedo estão remando devagar. Ninguém tem pressa de chegar. Na beira do rio as garças voam, sentindo a nossa aproximação. Fiquei olhando um socoboi pegar uma sardina. Mais em frente paramos para comer um pedaço de macaco assado. O dia foi longo e cansativo. De vez em quando me vem na lembrança o que aconteceu comigo na aldeia. Como gostaria de não voltar mais pra la'.

13 de setembro Minhas mãos estão doidas. As vezes a correnteza e' muito forte e nós temos que remar com força para não voltar. Kurikuri' na prua da canoa conta mais uma vez como me encontrou. Ele diz que eu tive muita sorte. Nunca ninguém, nem mesmo indios, consegui atravessar aquela selva a pe'. Agora que o medo passou, fico pensando, sara' que teria coragem de entrar novamente nesta selva derarmado? A canoa bate numa pedra quase jogando um dos meninos na agua. A correnteza e' forte. Temos que usar o varijão. Deposi de muito esforço, conseguimos passar o rebugio feito pelas pedras. O dia vai chegando ao fim. Minha cabeça parece que vai estorar de tanta dor. Temos que parar, viajar a noite e' perigoso. Kurikuri flechou uns peixes que Maiuai esta' assando para nós comermos. Depois quebramos muitos galhos de arvores, forramos o chão e deitamos para dormir. O céu estava estrelado. Ao longe se ouvia o urro de uma onça. A dor de

cabeça não passava. Sentei diante do fogo e fiquei pensando em tudo que aconteceu comigo durante esses meses. Meus olhos encheram-se de lágrimas mas não queria chorar, não tinha mais lógica. Kurikuri' levantou e chegou até' perto de mim e disse: - Enê-neiaõ. Tu choras? Eu não queria chorar, mas as lembranças eram muitas. Não queria que ele soubesse porque eu estava chorando, e disse-lhe: "Estou com muita dor de cabeça." Tirou umas cascas de uma árvore, amassou bastante até' sair um caldo avermelhado. Colocou em minha testa e depois amarrou com umas folhas por cima.

14 de setembro Quanto mais nos aproximamos da aldeia, mais eu fico nervoso. Kurikuri' sabe que eu estou com medo.

Trocura-me entreter mostrar-me umas lontras que teimam em nadar em nossa frente, como a porfiar com a gente. Diz que vamos caçar junto, e vai-me mostrar uma cachoeira muito bonita que fica para os lados de Tumucumaque. Escuto tudo o que ele diz, mas o meu pensamento está' em Sura'. E se ele me pagasse a ás traição.

Dizem que o índio é' muito trasueiro. A canoa continua rasgando as águas rumo a aldeia. Ao longe já' se avista a fumaça saindo das casas. Dobrando mais uma curva do rio, chegaremos. Kurikuri da' um grito agudo seguindo por Jakumã, avisando a nossa chegada. A canoa vai encostando no porto todos correm para nos receber. As mulheres, as crianças, até' Karai' traz seu nene' no colo. Parece que ninguém mais se lembra do que aconteceu. Somente Sura' não se aproxima. "sta' olhando de longe, de cima da rebanceira. Kurikuri' desce da canoa e fala para todos quase gritando.

Os índios ficam olhando para mim, não sei o que falou, mas sei que foi a respeito do que aconteceu. Depois segurou em mais braços, junto com seus filhos como a mostrar que me defenderia caso fosse preciso. Carregamos os pertences e saímos em direção da aldeia.

15 de setembro Agora vivo como se fosse a' sombra de Kurikuri'. Não me afasto dele para nada. Vivo sobresaltado. Todas as vezes que avisto Sura', já' penso pior. Kurikuri' diz que assim como eu tenho medo dele, ele também tem medo de mim.

16 de setembro A vida na aldeia continua. Uns pescam, outros vão para roça. Eu continuo apavorado. Hoje, como não tinha água Kurikuri me mandou junto com Tuiú' na beira do rio. Quando lá' chegamos avistei Sura' que vinha chegando da pesva. Larguei o balde e sai correndo.

17 de setembro O dia esta' bonito. Soube que Sura' esta' para sair para pescar. Kurikuri' esta' sentado debaixo de um cajueiro tessendo um sesto. Semu' que eu pensei ter sido comigo pelas onças ou devorado por uma sucuriju', ja' voltou. Estava escondido com medo de apanhar. O cajueiro esta' carregado de cajius vermelhilhos. Sentei apanhar alguns com uma vara, mas se emborrachavam, ao cair. Kairaua', foi me buscar um paneiro. Subi na arvore e ele ficou em baixo aparando os cajius para não machucar. Estavamos entretitos na tarefa quando ouvi' um barulho longe, muito longe. De principio pensei ser o vento na copa das arvores. Depois foi aumentando, aumentando, ate' ficar bem nitido, era uma avião. Sim, um avião desci da arvore o mais rapido que pude e sai correndo em direção do campo. O barulho aumentava e eu ri e chorava no mesmo tempo. Comecei a correr em circulos. O avião estava bem proximo. Estava sobrevoando a aldeia e eu comecei a gesticular com as mãos e a gritar. Gritar ate' que o avião desceu. Quase não dei tempo de deixar parar a elice. A porta se abriu e eu chorando muito abraçei primeiro a parecer em minha frente e falei: "Elo amor de Deus, me leve deste inferno" O moço era o funcionario da C.P.R.M. Desses que procuravam arêa abitadas na floresta para colocar um aparelho chamado pluviômetro. O avião que pertencia ao proprio piloto a qual o nome dele parecia ser Flavio. Fora alugado por esta compahhia. Prometeram levar ate' Santarem. Os indios acercaram o avião pareciam dispostos a não deixa-o sair. Kurikuri' e os outros estavam indignados. Esperavam que o avião fosse da Funai e que estivesse trazendo o casique de volta. mas se enganaram, assim como eu. Chamei Kurikuri a parte e expliquei: "Você precisa deixar eu ir embora. Eu prometo que voltarei e trarei seu pai junto comigo, com bastante presente. Ele ficou me olhando como aduvidar de minhas palavras. Depois concordou. Mas queria que deixassemos alguma coisa. Por sorte o avião estava abastecido com rancho. Dois funcionarios, inclusive, munição. Pedi a Flavio desse tudom para eles. Talvez a Funai lhes reembolsasse. E assim foi feito. Kurikuri recebeu o material e distribuiu entre todos na comunidade. Depois dirigiu-se a mim e disse: "Ioata-Karaibã." Obrigado, civilizado. Vi neste momento seu olhos ficarem vermelhos e uma lagrima escorrer. Subi a escadinha, sentei-me. Fechara a porta, dei adeus com as mãos e voaram. Estava livre. Livre de Molocopote. Um ano depois, soube pelo proprio Kurikuri que após a minha saída os indios continuaram beber. Beber muito. Como ele me prometeram, matou Sura' espetou a cabeça dele na porta do barraco onde eu morava. Depois foram-se matando uns aos outros. A loucura parece ter se apoderado da aldeia. Ninguem sabe como ou quem comecou. Era uma noite obscura e todos estavam bebendo quando alguém

gritou: -Estão matando o Mutã. Todos correram e começaram a se matar. Foi uma matança geral. Kurikuri conseguiu fugir, levando consigo, um dos meninos. Karai' e o filho. Maiuai com rosto de lacerado por um tiro acompanho-o também. Conseguiu chegar até onde estava os garimpeiros e pediram ajuda.

A Funai foi ali' na aldeia me buscar e levar o cacique Sarapo'. Mas eu já tinha saído. Com todas estas morets em uma população de vinte e nove pessoas, não restava mais ninguém.

Resultado. Os poucos índios sobreviventes, foram transferidos para aldeia do Tumucumaque. Mas lá também não tiveram sorte. Não sei qual o motivo que levou a matarem Sarapo'. A velha Aimingatô a desgraçada que não era tão velha como eu pensava, morreu de parto. Agora lembro com tristeza de tudo o que aconteceu. Continuo trabalhando na Funai porque preciso de emprego. Nunca perguntei ao Delegado, qual motivo de ter me deixado todo este tempo naquela aldeia. Mas também nunca o perdoei.

Como posso perdoar o homem que foi o responsável por tantos sofrimentos em minha vida. Agora estou trabalhando na casa do índio, em Belém. Mesmo assim, continuo prestando serviço para velha Aimingatô. O filho dela, a criança causadora de sua morte, está aqui comigo. A noite cuido dela. Rezo pedindo a Deus que libere os outros funcionários da Funai de uma outra possível covardia a ser praticada pelo Sr. Delegado.

Belém 23 de Janeiro de 1982